

RESENHA

A Sociedade Contemporânea E Sua Transfiguração: Uma Análise Da Obra De Ulrich Beck “A Metamorfose Do Mundo: Novos Conceitos Para Uma Nova Realidade”

Gilmar Antonio Bedin*

Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Direito, Ijuí-RS, Brasil.

 <https://orcid.org/0000-0001-9183-7065>

Aline Leves**

Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Direito, Ijuí-RS, Brasil.

 <https://orcid.org/0000-0002-0371-5234>

Resenha

BECK, Ulrich. A metamorfose do mundo: novos conceitos para uma nova realidade. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. 1 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

* Doutor em Direito. Pós-doutorando pela Universidad de Santiago de Chile (USACH). Professor dos Cursos de Graduação em Direito e dos Programas de Pós-Graduação Stricto Sensu em Direito da UNIJUÍ e da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI). Líder do Grupo de Pesquisa do CNPq: Direitos Humanos, Governança e Democracia (Mundus). E-mail: gilmarb@unijui.edu.br.

** Doutoranda e Mestra pelo Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Direito da UNIJUÍ. Pesquisadora integrante do Grupo de Pesquisa do CNPq: Direitos Humanos, Governança e Democracia (Mundus). E-mail: aline.leves@sou.unijui.edu.br.



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

Programa de Pós-Graduação em Ciências Jurídicas

DOI: <https://doi.org/10.22478/ufpb.1678-2593.2022v21n47.58365>

A Sociedade Contemporânea E Sua Transfiguração: Uma Análise Da Obra De Ulrich Beck “A Metamorfose Do Mundo: Novos Conceitos Para Uma Nova Realidade”

Gilmar Antonio Bedin

Aline Leves¹

Resenha

BECK, Ulrich. A metamorfose do mundo: novos conceitos para uma nova realidade. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. 1 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

Resumo: O último (e inacabado) livro de Ulrich Beck, “A Metamorfose do Mundo: novos conceitos para uma nova realidade”, traduzido e publicado no Brasil no ano de 2018 pela Editora Zahar, é uma obra de grande alcance. Com um caráter teórico completamente original, essa é muito oportuna para refletir acerca da nova realidade atual e sua complexidade. O autor desenvolve neste trabalho uma análise profunda de diversos acontecimentos e sua respectiva convergência naquela que ele denomina como sociedade de risco. O seu ponto de partida reside, justamente, na distinção entre as transformações sociais (presentes em muitos momentos da história) e a metamorfose do mundo (um fenômeno singular). Essa última consiste em uma transformação radical e que produz impactos para todos os atores políticos e sociais do planeta. Por isso, Beck destaca que na medida em que as transfigurações da sociedade globalizada desestabilizam as certezas da modernidade, desloca-se o foco para processos e eventos não intencionais que ultrapassam os domínios da política e da democracia, provocando um choque fundamental que rompe com as constantes antropológicas das civilizações e com as visões anteriores do mundo. Em consequência, é importante que as atuais e as vindouras gerações de risco aprofundem o debate sobre o futuro do planeta, o qual está constantemente se metamorfoseando, para que seja possível articular respostas que auxiliem na criação de políticas públicas cosmopolitas, com espaços de ações plurais, igualitários e democráticos.

Palavras-chave: Cosmopolitismo; Globalização; Metamorfose; Política; Sociedade de Risco.

¹ Bolsista Integral de Doutorado da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

“A teoria da metamorfose vai além da teoria da sociedade de risco mundial: ela não trata dos efeitos colaterais negativos dos bens, mas dos efeitos colaterais positivos dos males. Estes produzem horizontes normativos de bens comuns e nos impelem para além da moldura nacional, rumo a uma perspectiva cosmopolita.”

Ulrich Beck

A nova realidade global atual é muito complexa e ainda, em certo sentido, difícil de ser compreendida. As inúmeras tentativas de compreensão são, contudo, cada vez mais abrangentes e relevantes. Entre essas iniciativas, destaca-se aquela proposta por Ulrich Beck². A tese do sociólogo alemão é que o mundo está passando não por uma grande transformação, e sim por uma verdadeira metamorfose³. Mas, quem é Ulrich Beck? Nascido em 1944, na Alemanha, foi professor de sociologia na Universidade de Munique, em *Harvard* e na *London School of Economics and Political Science*.⁴ Ao longo de sua carreira, Beck escreveu um conjunto de contribuições inéditas e de vasta repercussão sobre a teoria social contemporânea.

² Desde a publicação da obra “Sociedade de Risco”, em 1986, Ulrich Beck se consolidou mundialmente como um dos teóricos mais relevantes do meio acadêmico na contemporaneidade em virtude de suas criativas contribuições. Estabelecer um conjunto de diálogos e produções com os mais importantes e respeitáveis autores do espectro acadêmico, como no caso da parceria colaborativa com Anthony Giddens, permitiu com que Beck definisse o seu ponto de partida e caracterizasse a complexidade da modernização reflexiva, transitando, em seguida, para a análise da sociedade de risco mundial (BECK, 2011; 2016). Desse modo, ao instigar um conjunto de teorias sociais dominantes, o sociólogo instituiu uma releitura da assimilação e institucionalização dos riscos, como também dos processos de individualização. Foi em razão do surgimento de novas categorias que o autor formulou, em suas obras, a teoria geral da sociedade de risco, abarcando em seus estudos, desde as condições no âmbito das pesquisas científicas, a crise ecológica, o papel dos Estados modernos, as questões relativas à soberania, ao nacionalismo e ao cosmopolitismo, dentre outras temáticas bastante atuais, haja vista que ele “cresceu em uma era de desenvolvimento econômico sem precedentes, transformação social e reforma democrática” (WILKINSON, 2011, p. 482). De fato, as reflexões de Ulrich Beck repercutiram em virtude de sua visão renovada, ousada, cativante e criativa para diversas outras áreas além da Sociologia, a exemplo do Direito e da Economia. Mais do que um cientista, Beck foi incansável como ativista social e político (GUIVANT, 2016; WILKINSON, 2011).

³ É o que desestabiliza as certezas da sociedade moderna e, com isso, acaba por deslocar “[...] o foco para ‘estar no mundo’ e ‘ver o mundo’, para eventos e processos não intencionais, que em geral passam despercebidos, que prevalecem além dos domínios da política e da democracia como efeitos colaterais da modernização técnica e econômica radical.” (BECK, 2018, p. 11-12).

⁴ O sociólogo faleceu, abruptamente, em 2015, durante um passeio por um parque com a sua esposa.

Em relação à obra “*A metamorfose do mundo: novos conceitos para uma nova realidade*” (2018), pode-se dizer que é um livro de maturidade. De fato, trata-se de uma verdadeira compilação dos trabalhos atuais e mais influentes de Ulrich Beck, os quais evidenciam um entrelaçamento e amadurecimento teórico ao longo de sua trajetória acadêmica. É importante registrar, contudo, que o pensamento do autor ainda estava em construção e passando por transformações. Ainda assim, a análise que realiza é profunda e inovadora. A sua tese é de que o mundo atual passa por uma transformação tão intensa e radical que altera o modo com que os seres humanos se situam no mundo, a forma como imaginam, pensam, planejam e fazem política, sendo necessário pensar uma nova palavra para o seu deciframento, qual seja: metamorfose. Tal expressão revela a busca do sociólogo pelo novo sentido do mundo e sua transmutação em decorrência de um conjunto significativo de fatores extraordinários.

A estrutura do referido livro está organizada em três partes correlatas e que contém doze capítulos no conjunto. Na primeira delas, intitulada “Introdução, evidências, teoria”, Beck apresenta sua tese central: a diferença conceitual existente ente mudança/transformação social e metamorfose do mundo. A partir daí, o autor desenvolve um conjunto de concepções descritivas e interconectadas sobre a metamorfose mundial. Na segunda parte, denominada “Temas”, o sociólogo utiliza os conceitos construídos para a análise de acontecimentos empíricos, como os relacionados ao aumento exponencial dos riscos, da desigualdade, da política e do poder. Na terceira e última parte, designada como “Panorama”, busca o autor construir respostas às inúmeras questões levantadas ao longo das duas primeiras partes da obra.

No tópico “Introdução, Evidências, Teoria”, Ulrich Beck (2018) desenvolve uma forte crítica ao evolucionismo e à linearidade temporal da teoria social atual, justificando que essas características estão assentadas na colonização cultural, tanto no passado como no presente. Com efeito, o autor aponta três momentos específicos de

mudança histórica, quais sejam: a era Axial, a Revolução Francesa e as transformações coloniais. Além do mais, Beck enfatiza que a tecitura da sociedade atual enfrenta contínuos processos de metamorfose, os quais não devem ser confundidos pura e simplesmente como transformações. É mais do que isso: trata-se de um verdadeiro processo de “transfiguração” do mundo. No entanto, constitui-se em uma teoria difícil de ser compreendida. É que a compreensão dessa conjuntura implica decifrar os impactos, por exemplo, de uma era de comunicações digitais que alteraram drasticamente as noções de tempo e espaço, aproximando polos longínquos do planeta e civilizações distintas.

Com isso, a própria percepção da sociedade foi alterada, bem como todo o regime político mundial que, até o fim da década de 1980, se pautava ainda numa divisão bipolar do poder (leste-oeste). Com o colapso da União Soviética (1991), a política se reconfigurou e deixou de estar vinculada, tão somente, a atores e instituições estatais, fragilizando as fronteiras tradicionais dos Estados nacionais. Tal processo tornou a política uma atividade com conexões globais e abriu espaço para novos riscos e possibilidades (tais como a revalorização do cosmopolitismo). Assim, a passagem da era nacional para a era global converge com a ideia de metamorfose, ou seja, com espaços de ação que não estão institucionalizados em âmbito estatal, pois a política mundial adquire uma dupla contingência: as regras específicas e os papéis dos principais atores permanecem indefinidos.

Essa mudança no quadro de referência da política global exige, por um lado, mais colaboração entre os principais atores internacionais e, por outro, a convivência de uma pluralidade de sistemas jurídicos diferentes. Por isso, aqueles que insistem em agir de forma exclusivamente nacional ou local, como lembra Ulrich Beck (2018), são excluídos ou passam para um segundo plano. Isso provoca uma verdadeira transição do nacionalismo tradicional para um cosmopolitismo abrangente. Esse é o motivo que levou Beck, numa palestra proferida na Universidade de Harvard (EUA), em 2008,

afirmar que o “nacionalismo metodológico [tradicional] impede as ciências sociais de entender e analisar as dinâmicas e ambivalências, as oportunidades e ironias da sociedade de risco mundial [em sua totalidade]”⁵ (BECK, 2008, p. 11). Daí, portanto, a sua defesa do cosmopolitismo metodológico.

É que apenas o cosmopolitismo metodológico consegue ultrapassar, defende o autor, os limites das formulações teóricas tradicionais-nacionais e identificar a verdadeira metamorfose que o mundo está processando neste início de Século XXI. Dessa forma, diante da transfiguração em curso, existem apenas três reações possíveis para o sociólogo: a negação, a apatia e a transformação. A primeira delas consiste na resposta típica da modernidade; a segunda gera uma espécie de niilismo pós-moderno; e a terceira abre espaço para um novo olhar sobre o mundo: a compreensão cosmopolita (BECK, 2018). Essa última é a única atitude que Beck entende como ética e teoricamente aceitável para a sociedade atual.

A partir dessa perspectiva, o autor, na segunda parte da obra, aborda um conjunto de externalidades favoráveis e desfavoráveis à teoria cosmopolita metodológica da metamorfose do mundo. Nesse sentido, destaca inicialmente que essa teoria ultrapassa as consequências exitosas da modernidade, discorrendo os aspectos positivos das premissas produzidas. Um exemplo disso reside no fato de que, se é verdade que as cidades podem estabelecer alianças transnacionais, também é verdade que algumas instâncias da ordem política estatal se tornam obsoletas e desnecessárias. A humanidade, com isso, passa a vivenciar acontecimentos positivos e novos fatos negativos. Dessa forma, o importante é a compreensão, independente de um juízo de valor, da atual metamorfose do mundo.

Em seguida, o autor aponta três dimensões importantes dessa nova possibilidade de compreensão do mundo. A primeira delas reside na crítica ao Estado-nação e ao nacionalismo metodológico; a segunda

⁵ Tradução nossa. Texto original: “methodological nationalism prevents the social sciences from understanding and analysing the dynamics and ambivalences, opportunities and ironies of world risk society”.

compete ao registro pormenorizado dos desastres que transpõe as fronteiras estatais e intensificam a política de invisibilidade⁶ dos excluídos; por fim, a terceira se refere à alteração de classes, no sentido de que ocorre uma transição das desigualdades locais para uma perspectiva global de distribuição de renda ou recursos, o que também acontece com os riscos, os quais se propagam mundialmente pelas mais distintas regiões e criam as denominadas classes de risco. Na sequência, o sociólogo se debruça sobre a discussão da metamorfose da política e do poder, propondo abordagens acerca das instituições, das práticas, das normas e dos atores sociais. Com a metamorfose do mundo, os sistemas e as relações jurídicas, políticas, econômicas e sociais passam a ser expostos, na medida em que as catástrofes lembram a sociedade de que os riscos globais intervêm constantemente nas civilizações, alterando, assim a própria natureza da existência humana. Dito de outra forma, Beck (2018, p. 150) explica que as “relações de definição tornam-se expostas e politizadas com cada catástrofe que nos lembra da globalidade da sociedade de risco e à medida que a lógica de riscos globais permeia a experiência cotidiana”.

Ao aprofundar a temática da metamorfose que ocorrem na sociedade mundial, Beck designa este momento como a era dos efeitos colaterais, marcada pelo catastrofismo emancipatório. De forma sucinta, pode-se definir que são criados novos horizontes normativos que pretendem substituir o panorama normativo nacional pelo cosmopolita, baseado no conceito de justiça global. Isso significa que as metamorfoses remodelam os fundamentos basilares da sociedade, oportunizando outros modos de cooperação, novas certezas e solidariedades. Nesse sentido, o autor desafia a forma pela qual se analisa o mundo, propondo um olhar inovador a partir da

⁶ Os principais promotores da denominada política da invisibilidade são os Estados nacionais e os grandes grupos privados, ao passo em que mantêm e reproduzem as posições de poder na sociedade. No entanto, com as transformações do mundo geradas a partir dos processos da globalização, essa política da invisibilidade enfrenta o poder dos meios de comunicação de massa por meio de uma significativa metamorfose digital (BECK, 2018).

consolidação de instituições pautadas nos ideais cosmopolitas. No entanto, ressalta que isso apenas será concebido por meio de uma tripla dimensão que contempla: as novas formas de estar no mundo, de ver o mundo e de fazer ou decidir a política global. É evidente que, como afirma Beck (2018, p. 151), “isso não tem a ver somente com novos espaços cosmopolizados de ação, mas com novos campos de ação e reformas políticas.” Portanto, na era dos riscos globais, os perigos sociais são caracterizados como prenúncios que podem ser avaliados através de suas externalidades positivas para uma governança cosmopolita.

Com o objetivo de trazer uma materialidade real para o que sustenta, o sociólogo alemão se utiliza do exemplo das mudanças climáticas como algo capaz de transmutar a ordem política mundial. Apesar de essa ser considerada uma verdadeira ameaça à sobrevivência da vida humana, ao compará-la a um agente de metamorfose, Ulrich Beck (2018) valida a ideia de que esse fenômeno já modificou a forma pela qual os indivíduos vivem, pensam e agem sobre o mundo. Então, a dinâmica da metamorfose viabiliza, nesse caso, um catastrofismo emancipatório⁷, uma vez que as novas interpretações acerca das mudanças do clima possibilitam a emergência de uma coletividade consciente e capaz de transformar o mundo para melhor. Pode-se afirmar, então, que este seria um efeito positivo acarretado pelos riscos, pois os fenômenos climáticos conseguem alterar a sociedade e as governanças, na medida em que essas passam a contribuir e a produzir bens comuns e horizontes normativos que ressaltam a perspectiva cosmopolita das políticas públicas globais.

⁷ “Um dia, quando a história do catastrofismo emancipatório for escrita, ela começará não com a questão do risco climático global, mas com as experiências e os horrores da Segunda Guerra Mundial como um importante deslocamento histórico em que o potencial emancipatório do risco de guerra global levou à criação de uma série de instituições cosmopolitas: a Organização das Nações Unidas (ONU), o Fundo Monetário Internacional (FMI), o Banco Mundial e, de maneira mais significativa, a União Europeia (UE). Esse foi um momento de metamorfose cosmopolítica. Evidentemente, este é um pós-argumento. Ele não pretende sugerir que precisamos de uma catástrofe como a Segunda Guerra Mundial para alcançar uma política emancipatória.” (BECK, 2018, p. 152).

Diante disso, Beck pontua que as alterações do clima, o terrorismo internacional, os conflitos sociais, as crises econômicas e outros acontecimentos, induzem o desenvolvimento de um conjunto de procedimentos de responsabilidade transnacional, ou seja, para além das fronteiras dos Estados nacionais; criando, assim, novos paradigmas de cooperação global que alteram os estilos de vida e que possibilitam a *conditio humana* cosmopolita em direção ao progresso social pela política de efeitos colaterais – onde a violação é anterior à norma. Nesse âmbito, a metamorfose do mundo é observada mediante três lentes conceituais: primeiramente, a violação cria a norma, haja vista que a antecipação das catástrofes globais viola normas civilizacionais não positivadas; posteriormente, essa violação ocasiona um choque da humanidade e; por último, uma catarse social. Nas palavras do autor alemão, é justamente a experiência tida com a “catástrofe que viola as normas ‘sagradas’ da civilização e da humanidade e, com isso, cria um choque antropológico a partir do qual respostas institucionais se tornam possíveis e podem ser institucionalizadas a nível global [...] por meio de importantes esforços culturais e políticos.” (BECK, 2018, p. 152).

Outra metamorfose que merece destaque é aquela que se verifica no âmbito das desigualdades sociais. No entanto, as ciências a ela relacionadas são concebidas, tão somente, levando em consideração a distribuição de bens e de riquezas obtidos pela produção e/ou consumo social, isto é, as externalidades dos riscos, sejam essas positivas ou negativas, não são ponderadas. Desse modo, na medida em que a distribuição dos bens está estruturada nacionalmente, a repartição dos riscos ou dos perigos institucionalizados possui um caráter transnacional. Isso significa dizer que quando se desconsidera a iminência dos riscos globais, de ordem financeira e/ou econômica, se ignora a própria metamorfose – alteração dos padrões – das desigualdades sociais. Então, evitam-se as externalidades positivas – que exacerbam as diferenças civilizacionais – a e as negativas – que desvinculam os Estados nacionais das

obrigações políticas ou das responsabilidades quanto aos riscos gerados pela modernização e sua respectiva expansão econômica. Com efeito, as desigualdades são muito mais do que simples dados e trazem à tona um conjunto de questões de (in)justiça. Por isso, Beck defende uma codistribuição justa e equitativa dos bens e também dos males, de modo que haja uma moderação entre quem ganha e quem perde diante das transformações e dos riscos sociais, os quais produzem e reproduzem, continuamente, velhos e novos desequilíbrios.

É notório, ainda, que o autor concede especial atenção para a centralidade da comunicação, afirmando que “não há metamorfose sem comunicação: a comunicação sobre a metamorfose é constitutiva da metamorfose” (BECK, 2018, p. 166). Isso indica que apesar de os riscos globais serem invisíveis a olho nu, com a comunicação visual e as imagens mediatizadas das catástrofes ocorre um choque antropológico que rompe com a invisibilidade dos riscos. Não são as catástrofes em si que provocam isso, mas sim as imagens globalizadas dos eventos que desencadeiam uma espécie de catarse social, fato esse que faz emergir uma nova ética normativa para o enquadramento e a organização das estruturas constitutivas da sociedade. Com efeito, a percepção dos riscos e dos males públicos mundiais conduz a uma reavaliação das normas que regularam as decisões passadas, de tal forma que essas sejam reformuladas diante de um futuro incerto e ameaçador. Tais circunstâncias levam à eclosão de públicos globalizados que potencializam a metamorfose comunicacional e, por conseguinte, tornam as ameaças dos riscos institucionalizadas, categóricas, visíveis e políticas, de modo que muitos males passados começam a ser concebidos como bens na contemporaneidade.

Notadamente, os riscos passam a impor, em todas as democracias liberais, a busca por uma nova ordem institucional diante do progresso e da discussão pública acerca do futuro das sociedades. Em grande medida, é justamente a produção e a distribuição dos bens que regem as dinâmicas sociopolíticas nacional e internacional, voltadas para a promoção do desenvolvimento e para a minimização dos efeitos colaterais negativos. Ao passo em que o “mundo torna-se

individualizado e fragmentado” (BECK, 2018, p. 180, grifos do autor), ocorre uma metamorfose digital que solapa com as antigas noções de sociedade e publicidade. Isso exprime que as condições mudam constantemente na era digital, cuja qual, paradoxalmente, fomenta as forças individuais de um lado e, por outro, impõe a utilização de espaços cosmopolitas e globalizados. Acompanhando essa linha de raciocínio, o sociólogo se dedica ao risco digital e ao fracasso das instituições operantes. Dessa forma, toda a argumentação se desenrola em torno do risco da vigilância exercida pelos Estados e por algumas grandes empresas privadas sobre a vida e os dados dos cidadãos.

Ulrich Beck (2018, p. 192) vislumbra, então, a emergência da *intelligentsia digital* (inteligência digital) como uma nova classe transnacional da sociedade globalizada, a qual se utiliza da “cosmopolitização digital como um recurso de energia para remodelar o mundo” e que desafia tanto o Estado nacional como os cidadãos. Frente a isso, o autor evidencia quatro metamorfoses em revoluções sociais e políticas: 1. A metamorfose digital e dos modos de existência; 2. A metamorfose do estado de vigilância que possui como princípio a ideia de “coletar tudo”; 3. A metamorfose que tornou visível o invisível por meio das denúncias públicas feitas por Edward Snowden; e, por fim, 4. A metamorfose que estabelece novas e alternativas formas de ação cosmopolita sobre os riscos digitais (BECK, 2018). Na sequência da obra, com a expressão “jogos de metapoder da política” (BECK, 2018, p. 195), o sociólogo destaca a existência de um verdadeiro entrelaçamento que impulsiona a metamorfose das regras que regem a política global, havendo uma transmutação do poder e do modo como ele é (re)negociado entre os países. Nas palavras do autor, isso significa que “a política nacional, que funcionava obedecendo a regras, e a nova política mundial cosmopolita, que funciona de uma forma que altera as regras, estão completamente enredadas uma na outra. Elas não podem ser separadas em termos de atores, estratégias ou alianças específicas.” (BECK, 2018, p. 195).

Tendo em vista essa conceituação, é realizada uma breve análise da metamorfose das relações internacionais. Nesse sentido, partindo da ideia da sociedade global, Beck elucida que a metamorfose do mundo se estabelece a partir de um exame binário para a tomada de decisões políticas. Isso quer dizer que tudo aquilo que antes era considerado de forma isolada – tais como a cooperação e a competição, a igualdade e a desigualdade, a economia e o meio ambiente, o individualismo e a solidariedade, o localismo e o cosmopolitismo, etc. – está, hoje, interconectado e, portanto, deve ser analisado conjuntamente para diagnosticar as transformações e, conseqüentemente, possibilitar o desenvolvimento. Posto isso, com a introdução de novos espaços de atuação, a metamorfose da sociedade mundial suscita novos horizontes para a política, haja vista que essa não está mais restrita, unicamente, aos limites estabelecidos pelos arranjos tradicionais dos Estados nacionais e, tampouco, vinculada apenas aos agentes, instituições ou estruturas nacionais. Um dos mais proeminentes exemplos fornecidos pelo autor, no vasto contexto das relações internacionais, para fundamentar esse posicionamento e a metamorfose do poder é a União Europeia (UE).

De fato, nada mais possui um caráter permanente na atualidade. Enquanto a política nacional prevalece mediante a aplicação de normas internas, a nova política transmutada no âmbito dos blocos econômicos altera a aplicabilidade própria do direito, sobretudo em razão da interdependência entre os Estados e as normas. Isso indica que, em uma realidade metamorfoseada, as políticas nacional e internacional se entrelaçam uma na outra. É exatamente essa fusão do direito e da política que possibilita, por exemplo, uma ampla cooperação entre os Estados-membros da União Europeia com relação à limitação da soberania nacional. Contudo, isso não implica na perda das respectivas identidades culturais, mas, sim, contribui para a busca de respostas comuns aos desafios e problemas globais. Dito isso, pode-se concluir que a metamorfose produz novos atores políticos transnacionais que passam a atuar de forma ampla na sociedade globalizada. Para Beck, as cidades estão no epicentro da

metamorfose mundial, pois os grandes centros urbanos têm a capacidade de, por uma ótica, mediar as relações interestatais e, por outra, serem palco de novos atores – como as Organizações Não-Governamentais (ONGs) e as Empresas Transnacionais (ETNs) – e, também, de políticas públicas para a constituição de espaços cosmopolitas plurais.

Desse modo, é no contexto urbano que ocorre uma verdadeira transfiguração das antigas clivagens em parcerias e, conseqüentemente, o modelo da sociedade de Estados é debilitado e substituído gradualmente por uma nova forma de organização mundial, onde as cidades passaram a assumir um papel de extrema relevância como atores globais de um mundo cada vez mais cosmopolizado. Isso significa afirmar que a metamorfose da realidade reforçou a dinâmica cosmopolita de integração e retomou o conceito de cidadão do mundo, uma vez que as modificações da sociedade atual possibilitaram o resgate da ideia de superação das fronteiras políticas e identitárias nacionais, com escopo na unidade da humanidade. Além do mais, na medida em que se compreendeu que “não existem respostas nacionais para os [riscos e] problemas globais” (BECK, 2018, p. 65), os Estados facilitaram a organização de redes de cidades com o objetivo de construir decisões políticas coletivas. Isso se deu justamente pelo fato de que um Estado nacional não pode e nem consegue resolver sozinho os riscos que ameaçam sua população.⁸ O mundo é um todo integrado e, portanto, não é mais possível separar o local do global, visto que estão completamente conectados. Em resumo, Beck (2018, p. 232) destaca que as cidades mundiais “são os principais lugares onde os choques dos riscos globais tornam-se assunto da experiência e da política quotidianas”. Daí deriva a noção

⁸ Cada vez mais, faz-se necessário buscar soluções globais para problemas locais. Um bom exemplo disso são os 17 Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) propostos na Agenda 2030 da ONU, estabelecida pela Assembleia Geral das Nações Unidas. A partir da aplicabilidade dessas metas globais pode-se solucionar os problemas locais e responder os riscos sociais, na medida em que os Estados – e mais especificamente as cidades – estabelecem políticas públicas para efetivá-las de acordo com as peculiaridades regionais.

de comunidade de risco cosmopolita que, conforme o autor, “corresponde a noção de uma nova e emergente ‘realpolitik’ urbano-cosmopolita, um novo padrão de estabelecimento de alianças e de conflitos que molda a política urbana do mundo todo (ainda que de formas muito distintas, em diferentes lugares e contextos).” (BECK, 2018, p. 232).

A terceira e última parte do livro, intitulada de “Panorama”, traz à tona questões que ainda permanecem sem respostas, isso porque ninguém é capaz de precisar com exatidão os rumos da metamorfose do mundo. Com a notória mudança dos paradigmas e das referências globais, pode-se observar que a metamorfose ocorre na interdependência e nas relações de luta pelo poder entre os Estados e as cidades, fato esse que abre diversas perspectivas para a dinâmica de uma nova política cosmopolita. Nesse ínterim, a dissolução do mundo tradicional e a gradativa transição para uma sociedade cosmopolita faz com que os efeitos da globalização distribuam, de forma igualitária, os riscos entre o centro e a periferia, de tal modo que novas estruturas e políticas sejam estabelecidas. Diante dessa abordagem, Beck propõe ideias inspiradoras com o intuito de demonstrar que existem externalidades positivas que decorrem de efeitos colaterais negativos e que podem contribuir com a promoção de políticas públicas inovadoras que levam em consideração os riscos como antecipação das catástrofes globais. De fato, é inegável o otimismo do sociólogo ao oferecer possíveis respostas acerca de como a sociedade global pode se apropriar do fenômeno da metamorfose para impulsionar transformações sociais efetivas no âmbito do desenvolvimento de alianças urbanas e estatais, da criação de novos horizontes normativos transnacionais e do fomento de novos investimentos estratégicos voltados para um conjunto de ações cosmopolitas que garantem a democracia.

Com essa proposta cosmopolita relativa às transfigurações das velhas estruturas estatais, se reconhece o papel mais ativo das gerações digitais ou de risco global. Logo, Beck acredita que a sua teoria é capaz de produzir determinado impacto nas futuras gerações de *homo*

cosmopolitanus, haja vista que diferentemente das gerações anteriores, que interpretam as metamorfoses como ameaças à vida humana, as novas e atuais gerações se apropriam dos efeitos positivos acarretados pela metamorfose do mundo para a constituição de políticas públicas que assegurem um desenvolvimento equilibrado diante da deterioração do mundo essencialmente nacional. Entretanto, deve-se destacar que nem sempre externalidades positivas, advindas de efeitos colaterais adversos, vão produzir efeitos benéficos para a sociedade. Ademais, as referidas gerações de risco global se encontram interligadas pela distribuição dos males e compreendem melhor a distinção entre as perspectivas nacional e cosmopolita, como também, percebem mais profusamente os novos horizontes normativos da política, da economia, do meio ambiente, das relações sociais e da própria cultura, que já se metamorfosearam e se alastraram globalmente.

Diante do exposto, é possível afirmar que esta obra traz importantes alternativas à atual sociedade de risco globalizada, partindo da ideia de que os conflitos de ordem social devem ser ponderados de forma integrada e cosmopolitizada. Ao longo de toda a análise desenvolvida, Ulrich Beck demonstra que as atuais civilizações vivenciam constantes processos de metamorfose do mundo, o que torna este livro essencial para a compreensão das transfigurações sociais, políticas e econômicas, assim como para refletir acerca da criação de políticas públicas capazes de solucionar os problemas de ordem global. Mais do que nunca é preciso compreender os novos conceitos dessa nova realidade, pois, o mundo que foi “impensável ontem, tornou-se real e possível hoje” (BECK, 2018, p. 12), estabelecendo ameaças prestes a se concretizar no amanhã. Com efeito, Beck preocupou-se em fomentar formas de pensamento crítico que desafiam a política mundial, voltada para uma reforma capaz de viabilizar a concretização de uma sociedade internacional cosmopolita e integrada nos mais distintos aspectos. Por fim, esta obra é considerada uma referência para todos que trabalham com as

alterações ocasionadas pela globalização e que buscam as possibilidades para a consolidação de um mundo cosmopolita – com todas as suas pluralidades – mais justo, igualitário e solidário.

Data de Submissão: 20/03/2020

Data de Aprovação: 07/05/2022

Processo de Avaliação: *desk review*

Editor Geral: Jailton Macena de Araújo

Editor de Área: Jailton Macena de Araújo

Assistente Editorial: Maria Aurora Medeiros L. Costa

REFERÊNCIAS

BECK, Ulrich. **A metamorfose do mundo:** novos conceitos para uma nova realidade. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. 1 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

BECK, Ulrich. Risk Society's 'Cosmopolitan Moment'. Lecture at Harvard University - November 12th, 2008. **ComCiência**, n. 104, p. 1-12, Campinas, 2008. Disponível em: <http://www.labjor.unicamp.br/comciencia/files/risco/AR-UlrichBeck-Harvard.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2021.

BECK, Ulrich. **Sociedade de risco mundial:** em busca da segurança perdida. Tradução de Marian Toldy e Teresa Toldy. Lisboa: Edições 70, 2016.

BECK, Ulrich. **Sociedade de risco:** rumo a uma outra modernidade. Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo: Editora 34, 2011.

GUIVANT, Julia Silvia. O legado de Ulrich Beck. **Ambiente & Sociedade**, v. 19, n. 1, jan./mar., p. 229-240, ANPPAS, São Paulo, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1809-4422asoc150001exv1912016>. Acesso em: 17 mar. 2021.

WILKINSON, Iain. Ulrich Beck. In: RITZER, George; STEPNIKY, Jeffrey (Editors). **The Wiley-Blackwell Companion to Major Social Theorists**. v. 1. Hoboken, Nova Jersey: Wiley-Blackwell Publishing, 2011. p. 480-499.

The Contemporary Society And Its Transfiguration: An Analysis Of Ulrich Beck's Work “The Metamorphosis Of The World: New Concepts For A New Reality”

Gilmar Antonio Bedin

Aline Leves

Abstract: Ulrich Beck's latest (and unfinished) book, “The Metamorphosis of the World: new concepts for a new reality”, translated and published in Brazil in 2018 by Editora Zahar, is a work of great scope. With a completely original theoretical character, this is very timely to reflect about the new current reality and its complexity. The author develops in this work a deep analysis of several events and their respective convergence in what he calls the risk society. His starting point lies, precisely, in the distinction between social transformations (present at many moments in history) and the metamorphosis of the world (a singular phenomenon). The latter consists in a radical transformation that produces impacts for all political and social actors of the planet. Therefore, Beck emphasizes that to the extent that the transfigurations of globalized society destabilize the certainties of modernity, the focus shifts to unintentional processes and events that go beyond the realms of politics and democracy, causing a fundamental shock that breaks with the anthropological constants of civilizations and with previous world views. In consequence, it is important that current and future generations of risk deepen the debate about the future of the planet, which is constantly metamorphosing, so that it is possible to articulate responses that help create cosmopolitan public policies, with plural, egalitarian, and democratic spaces for action.

Keywords: Cosmopolitanism; Globalization; Metamorphosis; Politics; Risk Society.

DOI: <https://doi.org/10.22478/ufpb.1678-2593.2022v21n47.58365>

Conteúdo sob licença *Creative Commons*: Attribution-NonCommercial-NoDerivative 4.0 International (CC BY-NC-ND 4.0)

